

Mudanças agridem plano urbanístico

A descaracterização do traçado urbanístico de Brasília é tão freqüente que agressões berrantes, em um primeiro momento, passam a ser integradas à cidade planejada em pouco tempo. Exemplo é o prédio a mais na comercial da 203 Sul. Na parte de baixo funciona o Varejão Futura. Na sobreloja, a igreja Jesus, a Fonte de Vida. Outros desvíos, mais recentes, ocorrem da mesma forma, sem a população entender muito bem como tudo começou.

As coberturas nos blocos residenciais são outro exemplo. O sétimo andar que virou moda nas novas construções de prédios no Sudoeste e Asa Norte é considerado uma das grandes corrupções ao urbanismo planejado da capital. E, assim, vão surgindo os problemas. Gente demais morando num espaço que era para ser menos povoado, falta de vagas nos estacionamentos e poluição visual. Camelôs em pleno centro comercial da capital e propagandas gigantescas numa cidade que foi criada para ser livre de tudo isso.

Para os moradores da 305 Sul, desde o início do ano, os disparates urbanísticos que têm acontecido em Brasília são uma rotina. E ficam bem na porta de casa. Desde que um cursinho foi inaugurado na quadra 505 da W3, as vagas do estacionamento precisam ser disputadas quase a tapa. "Os alunos deixam os carros dentro da quadra, porque aqui tem segurança e fica mais perto do curso", conta o por-

"A GENTE CHEGA EM CASA CANSADO E NÃO ENCONTRA LUGAR PARA ESTACIONAR. AQUI NÃO É LUGAR PARA CURSINHO"

Antônio Pereira dos Santos, morador do bloco E da 305 Sul. Ele tem dificuldade em estacionar o carro porque as vagas são tomadas de estudantes de cursinho próximo do prédio

teiro do bloco D, Severino de Assis. Ele até que tenta defender o espaço dos moradores — são 65 vagas —, mas não consegue. "A área é pública. Não há o que fazer".

"A gente chega em casa cansado e não encontra lugar para estacionar", queixa-se o contador Antônio Pereira dos Santos, morador do bloco E há mais de 20 anos. Ele já nem se lembra mais quantas vezes deixou o carro em outras quadras, porque o estacionamento da 305 Sul estava completamente lotado. "Aqui não é lugar para cursinho", completa. Além do tal cursinho, que funciona em três turnos das 8h às 23h, existem mais três supermercados perto da mesma quadra.

TAXAS DE OCUPAÇÃO

O mesmo problema é comum nas quadras próximas a bares e restaurantes do comércio local. Além do incômodo à vizinhança, esses comércios têm sido os principais responsáveis pela redução do espaço destinado a pedestres. As pessoas são obrigadas a andar mais para desviar das áreas invadidas pelos comerciantes. Os becos, entre os blocos das comerciais locais, estão desaparecendo, bloqueados pelas famosas "puxadinhas", artifício usado para ampliar o espaço de mesas e cadeiras.

A solução para o problema parece ainda distante, em especial agora com a atual polêmica em torno da cobrança de taxas de ocupação propostas pelo Executivo e à espera de votação na Câmara Legislativa. Para especialistas no assunto, preocupados com a descaracterização definitiva da cidade, o pagamento das novas taxas será precedente para outras invasões e a garantia de posse do espaço pelos empresários.

A confusão tem repercutido também entre os comerciantes. Foram eles os primeiros a reclamar do pagamento de mais um imposto. Irritado com a medida proposta pelo GDF, o austríaco Fritz Klinger, proprietário de prédio comercial inteiro na quadra 404 Sul, já pensa em ir embora de Brasília. "Desde 1979, o habite-se prevê espaço para mesas e cadeiras na lateral do restaurante. Agora querem me cobrar por isso?", questiona. (RA e KM)